

Compreendendo a presença de jovens na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e sua relação com a indisciplina

Ana Paula Vieira Matos¹

RESUMO

A presença de adolescentes e jovens na Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um fato no município de Timóteo. O que se percebe é que está ocorrendo de certa forma a transferência de responsabilidade com a educação da juventude para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), muitas vezes, como forma de tentar solucionar questões que a escola regular não tem dado conta. Baseado nas leis que regulam a Educação no Brasil, Constituição Federal - CF (1988), da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9394/96) e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (Parecer CNE/CEB nº 11/2000), a escolarização na modalidade de ensino EJA é um direito historicamente reivindicado por tantos brasileiros. O que podemos perceber é que a realidade vivenciada na EJA tem sido alterada com a migração de adolescentes, que de certa forma evadem da escola regular e, posteriormente, chegam à escola para jovens e adultos. Esse fato tem gerado uma questão muito debatida por professores e demais profissionais da educação - a indisciplina. Pensando nisso, o objetivo desse estudo é investigar a “indisciplina” de alunos jovens e adolescentes na Educação de Jovens e Adultos (EJA), identificando suas possíveis causas, que muitas vezes vão além do ambiente escolar. Ou seja, será que o fator da indisciplina escolar é consequência da presença do adolescente e/ou jovem se inserir nos processos educativos da EJA? Será que nós professores (as) nos encontramos preparados para lidar com a juventude? Qual é o nosso entendimento da indisciplina? Será que existe alguma relação entre a indisciplina e as questões étnico-raciais? Essas são algumas questões que, através deste artigo, buscam-se refletir, isto é, questões que influenciam o cotidiano escolar o qual se apresenta tão angustiante para os docentes que atuam na escola.

Palavras-chave: EJA, Indisciplina, Juventude e Questões Étnico-raciais.

¹Graduada em Ciências Biológicas, docente da EJA desde 2009 e, estudante do curso de Pós-Graduação Especialização em Docência da EJA na Educação Básica: juventudes presentes na EJA, na UFMG- FaE/MG.

ABSTRACT

The presence of young people and teenagers in Youth and Adult Education (“EJA”) is a fact in Timóteo city. We see that a responsibility transfer is happening in a way from youth education to Youth and Adult Education, often as a way to resolve questions that the regular school does not fix. Based on the laws governing education in Brazil, Federal Constitution – “CF” (1988), the Law of Directives and Bases of National Education (“LDB nº 9394/96”) and the National Curriculum Guidelines for the Youth and Adult Education (Opinion “CNE /CEB nº 11/2000”), enrollment in Youth and Adult Education teaching mode is historically a right claimed by so many Brazilians. We can see that the reality experienced in Youth and Adult Education has been changed with the migration of teenagers who somehow escaped the regular school and then go to school for youth and adults. This has generated a much debated issue by teachers and other education professionals – indiscipline. So this study aims to investigate the "indiscipline" of young and teen students in Youth and Adult Education, identifying possible causes, which often go beyond the school environment. In other words, is the school indiscipline factor a result of the presence of teenagers and young people entering the educational processes of Youth and Adult Education? Are we teachers prepared to deal with youth? What is our understanding about indiscipline? Is there any relationship between indiscipline and racial-ethnic issues? These are some questions that through this article we aim to reflect, i.e., issues that influence school life that is presented so distressing for teachers working in school.

Keywords: Youth and Adult Education, indiscipline, Youth and Racial-ethnic Issues.

INTRODUÇÃO

Iniciei o curso superior em Ciências Biológicas em 2005, no Centro Universitário do Leste de Minas Gerais (UNILESTE-MG), e concluí em 2009. Comecei a lecionar em 2008 para alunos do ensino fundamental e médio quando ainda cursava a graduação; e na EJA iniciei em 2009 no ensino médio, e em 2010 comecei a lecionar para o 2º segmento (5ª a 8ª série).

Não demorou muito para perceber os grandes desafios que seriam enfrentados na carreira do magistério. Logo no início da minha carreira profissional, ouvi várias queixas de colegas professores partindo do princípio de que *“os alunos não sabem ler”* ou *“não conseguem entender o que lêem”*, *“não estão interessados”*, *“a indisciplina está cada vez mais acentuada”*. E não foi difícil comprovar isso na minha prática. Porém, os depoimentos realizados pelos colegas e a minha constatação a partir da minha prática docente me fazem refletir e também entender o fenômeno que identificamos como indisciplina. Ou seja, podemos entender esse fenômeno apenas pelo ponto de vista dos docentes? A indisciplina também não deveria ser compreendida pelos alunos? Será que há mudanças entre a indisciplina do alunado jovem e adulto?

Atuando-se na Educação de Jovens e Adultos (EJA), “pode-se perceber, hoje, a heterogeneidade do alunado presente na sala de aula. São homens e mulheres, jovens e adultos, negros e brancos, empregados e desempregados ou pessoas em busca do primeiro emprego e pessoas deficientes, em sua maioria moradores de comunidades periféricas dos grandes centros urbanos e em busca da escolaridade como possibilidade para melhoria da sua condição sócio econômica e cultural” (SILVA, 2009, p.62).

A partir de conversas com colegas que lecionam na EJA há mais tempo, é um consenso que a indisciplina está atribuída ao rejuvenescimento do alunado da EJA e à defasagem de aprendizagem acumulada ao longo do percurso escolar dos mesmos. A partir desses relatos, indago: existe relação entre a indisciplina e a defasagem de aprendizagem? O que posso perceber é que o processo de rejuvenescimento do alunado da EJA trouxe um elemento novo para essa modalidade de ensino. Nesse sentido, percebo que a entrada da juventude nos leva a indagar se estamos conseguindo desenvolver metodologias adequadas de forma a atender às demandas apresentadas por esse novo público presente na EJA.

Percebendo as especificidades e dificuldades da EJA, para ajudar-me a compreender melhor o público, que de certa forma já foi excluído do ensino regular, em

2010, tive a oportunidade de iniciar o curso de pós-graduação especialização lato sensu em docência da EJA na educação básica: juventudes presentes na EJA, na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

O curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos visa a um novo olhar sobre a EJA, propondo profundas e imprescindíveis transformações no panorama educacional brasileiro, posicionando o professor como um dos principais agentes do processo de transformação dos sujeitos e significando oportunidade para o educador aprofundar conhecimentos relacionados ao processo de ensino-aprendizagem e permitindo a troca de experiências com outros profissionais da área.

A discussão sobre a EJA a partir do viés da inclusão já vem sendo defendida por alguns profissionais e estudiosos da educação como Miguel Arroyo que defende que

A EJA sempre está vinculada a um outro projeto de sociedade, um projeto de inclusão do povo como sujeito de direitos. Foi sempre um dos campos da educação mais politizados, o que foi possível por ser um campo aberto, não fechado e nem burocratizado, por ser um campo de possíveis intervenções de agentes diversos da sociedade, com propostas diversas de sociedade e do papel do povo (ARROYO, 2005, p.31).

Neste sentido, Carrano corrobora ao afirmar que

Deveríamos caminhar para a produção de espaços escolares culturalmente significativos para uma multiplicidade de sujeitos jovens - e não apenas alunos. Neste sentido, seria preciso abandonar toda pretensão de conteúdos únicos e arquiteturas curriculares rigidamente estabelecidas para os 'jovens da EJA' (CARRANO, 2007, p.56).

A presença de jovens alunos na EJA deveria ser expressão de que a escola é parte efetiva de seus projetos de vida. E de que eles estão exercendo seus direitos à educação básica e não apenas participando de um fluxo escolar ofertado em instituições de espaços e tempos deteriorados.

Diante disso, Miguel Arroyo enfatiza ainda que

(...) o que há de mais esperançoso na configuração da EJA como campo específico de educação é o protagonismo da juventude. Esse tempo da vida foi visto apenas como uma etapa preparatória para a vida adulta. Um tempo provisório. Nas últimas décadas, vem se revelando como um tempo humano, social, cultural, identitário que se faz presente nos diversos espaços da sociedade, nos movimentos sociais, na mídia, no cinema, nas artes, na cultura... Um tempo que traz suas marcas de socialização e sociabilidade, de formação e de intervenção. A juventude e a vida adulta como um tempo de direitos humanos, mas também de sua negação (ARROYO, 2005, p. 21).

A escola deve estar aberta à juventude e compreender as especificidades destes sujeitos jovens, uma vez que “entender a relação entre juventude e escola nos leva a refletir sobre o sujeito jovem que existe fora do espaço/tempo circunscrito da sala de aula. É preciso considerar que as experiências vividas pelos jovens encontram-se imersas na realidade social contemporânea, que sofre influências do mundo do trabalho, dos meios informacionais e tecnológicos e das relações sociais de consumo.” (Dias e Silva, 2010, p.34). Neste sentido, busca-se compreender o alunado jovem e verificar se as ações propostas pelas escolas estão contemplando o novo perfil dos alunos da EJA.

O campo de estudo: a Escola Municipal Paulo Freire

O trabalho foi realizado na Escola Municipal Paulo Freire², localizada na cidade de Timóteo-MG. A cidade de Timóteo está localizada no leste de Minas Gerais. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em pesquisa realizada no ano de 2010, o município possui uma população estimada em 81.243 habitantes. A economia da cidade e o desenvolvimento do município deve-se às grandes empresas da região, como a Usiminas, e principalmente à ArcelorMittal, localizada no próprio município. O IDH é de 0,831 e no aspecto racial, Timóteo possui uma população representando 48,42% de pardos, 43,57% brancos, 7,16% negros, 0,19% indígenas, 0,13% amarelos e 0,53% sem declaração. Possui 48,56% de homens e 51,44% de mulheres.

A escola em estudo oferece Educação Infantil e Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) nos turnos matutino e vespertino com 429 alunos e Educação de Jovens e Adultos com duas turmas do 1º segmento (1ª à 4ª séries) com um total de 30 alunos e quatro turmas do 2º segmento (5ª à 8ª séries) com 161 alunos, totalizando 191 alunos da EJA no noturno.

Realizou-se um levantamento na escola através de questionário discursivo com os alunos do 2º segmento que totalizam 161 alunos matriculados. Porém, os questionários foram distribuídos nas turmas em um período de 10 dias, e apenas 89 alunos responderam devido à infrequência.

Com os professores foram realizadas conversas informais. Durante essas conversas, o relato da professora Dulce³ trouxe uma interessante reflexão. A professora trabalha na escola a mais de 10 anos, sendo que atualmente leciona somente na EJA para o 1º segmento, porém já trabalhou no período diurno com turmas de alfabetização. Ela relatou

² Para preservar a integridade da escola foi utilizado um nome fictício.

³ Para preservar a integridade da professora foi utilizado o nome fictício Dulce.

que “a maioria dos alunos jovens que chegaram para a EJA, que comportam de forma indisciplinada já estudou no ensino regular diurno (1º ao 5º ano) nesta mesma escola e não obtiveram muito sucesso, devido à defasagem de aprendizagem acumulada em sua trajetória escolar que foi marcada por diversas dificuldades, como: desistências, exclusões, falta de limite e acompanhamento da família.”

Constata-se, então, que a escola no Brasil de certa forma tem sido conivente com determinadas formas de exclusões sociais e educacionais. Historicamente a exclusão realizada por meio da instituição escolar se dá através de mecanismos que corrobora com a baixa qualidade do ensino ofertada a população pobre, bem como a sua não oferta a atender às reais demandas dessa população. Assim, baseada na lógica da exclusão, a escola tem expulsado muitos daqueles que conseguem nela ingressar, ainda muito cedo, durante o processo de alfabetização. Outros são expulsos na adolescência em fase de profundas mudanças biológicas, psicológicas e afetivo-sociais que demandam maior acolhimento e competências técnica e humana diferenciadas daquelas necessárias para o trato com crianças.

O autor Carrano enfatiza que

Além das dificuldades de acesso e permanência na escola, os jovens enfrentam a realidade de instituições públicas que se orientam predominantemente para a oferta de conteúdos curriculares formais e considerados pouco interessantes pelos jovens. Isso implica em dizer que as escolas têm se apresentado como instituições pouco abertas para a criação de espaços e situações que favoreçam experiências de sociabilidade, solidariedade, debates públicos e atividades culturais e formativas de natureza curricular ou extra-escolar (CARRANO, 2009, p. 6).

Quando se fala em socialização, estamos falando de “um processo de influência entre uma pessoa e seus semelhantes que resulta da aceitação dos padrões de comportamento social e da adaptação do indivíduo à sociedade. Para poder se adaptar, o indivíduo precisa internalizar, por meio de processos de aprendizagem, as normas e juízos de valor, comportando-se adequadamente às demandas sociais” (BOUVIER, 2005).

Tendo como base as discussões expressas pelos autores supracitados nos faz refletir que o espaço escolar é também um espaço de socialização da juventude, ou seja, um espaço em que os jovens se interagem, constroem grupos de amizade, estabelecem vínculos afetivos entre eles e os seus respectivos professores(as). Nesse sentido, essas questões têm movido as práticas pedagógicas desenvolvidos na escola? Os docentes têm refletido esses aspectos formativos em sua prática educativa? Como os jovens avaliam o processo de socialização adquirido na escola através da sua relação com os docentes?

Todavia, quando o jovem rompe com esse processo gera o que definimos de indisciplina e rebeldia, e a partir desse cenário, há um consenso e a denúncia realizada pelos professores da EJA que a indisciplina nesta modalidade de ensino está atribuída ao rejuvenescimento.

De acordo com BERTON

(...) aceitar a indisciplina ou a disciplina como naturais ou intrínsecas ao processo educativo não traz contribuições para o trabalho do professor na sala de aula. A indisciplina não é fenômeno natural, não está escrita nos genes, não está determinada. A indisciplina e a disciplina são produtos de culturas, políticas, sociedades, histórias e relações específicas, cabendo a reflexão e a busca de soluções pela interlocução com seus agentes. Não existem receitas, nem caminhos pré-determinados. Para ela, a indisciplina, entendida como uma manifestação de mal-estar, não aparece somente no contexto escolar (BERTON, 2005, p.184).

Ainda segundo a autora a indisciplina é uma realidade vivida pelas escolas e educadores no Brasil e no mundo. Ela extrapola os muros da escola, está na fila do banco, do açougue, no supermercado, na rua, nos balcões das lojas, dentro de casa. Ela destaca que a indisciplina tem sua origem na sociedade como um todo e reflete-se na escola e em muitas outras formas de expressão dos relacionamentos sociais. Mas também pode ser gerada na própria escola pela sua tendência de reproduzir a desigualdade que impera na estrutura social ou pela sua tentativa de romper com essa desigualdade não encontrando meios com que suprir as necessidades e sanar os problemas detectados.

Como se percebe, a indisciplina na escola hoje é uma rotina que pode se manifestar de diversas formas: o tumulto, o desrespeito a colegas e professores, vandalismo, desinteresse, sendo oriunda de várias razões, entre elas: relações de limites e dificuldades de acatar o discurso de autoridades, prática pedagógica incoerente com o perfil da EJA, baixa auto-estima, mudanças sociais.

O que não se pode ser esquecido é que na escola de EJA estão os jovens reais, jovens esses que o ensino regular de certa forma tem se omitido com a sua escolarização. Percebê-los significa a possibilidade de dar visibilidade a esse expressivo grupo que tem direito à educação e contribuir para a busca de resposta a uma realidade cada vez mais aguda e representativa de problemas que habitam o sistema educacional brasileiro como um todo (ANDRADE, 2004, p.45).

Concordando com a autora considero que “o grande desafio para a EJA é constituir, prioritariamente, um espaço-tempo de conhecimentos e de exercício de direitos, para

sujeitos que sofrem ou sofreram sérias interdições em campos substantivos da vida” (VIANNA *et al.*, 2004, p.120) independente de um comportamento indisciplinado.

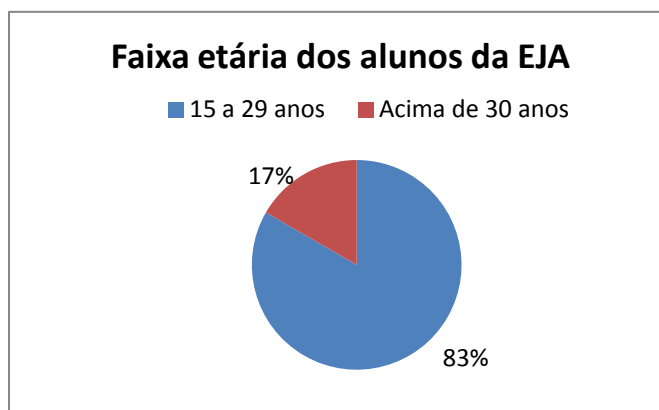
O perfil da juventude da EJA em Timóteo: um estudo de caso

Entende-se por “juventude” como uma diversidade que se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos (DAYRELL, 2005, p. 42).

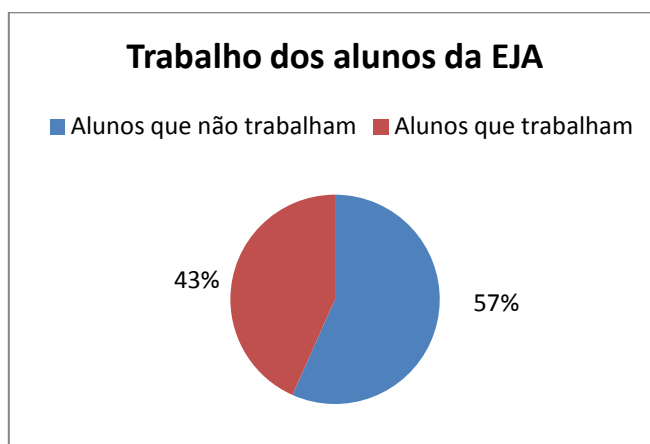
A fim de compreender a posição do alunado diante as questões relacionadas à escola, foi realizada a leitura dos questionários, e produzidos gráficos, que nos possibilita perceber as mudanças no perfil dos alunos da EJA de Timóteo.

O resultado apresentado refere-se aos 89 alunos do 2º segmento, e demonstra que na escola em estudo há mais alunos na faixa etária de 15 a 29 anos que de 30 anos acima (gráfico 1), o que confirma o rejuvenescimento da EJA.

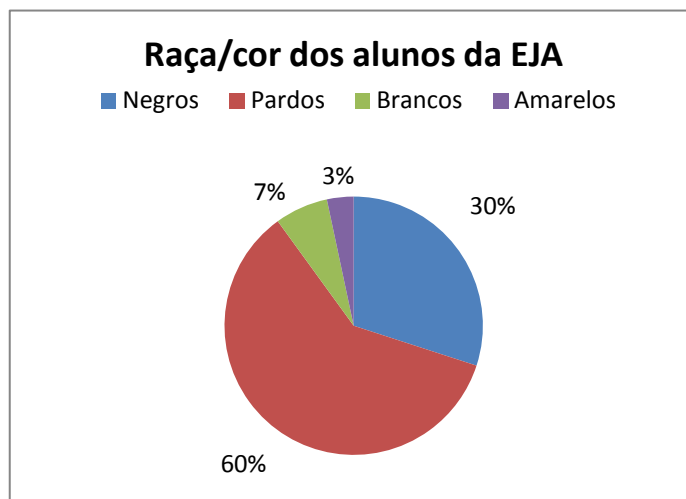
Gráfico 1



Em relação ao trabalho, foi possível perceber que há baixa exigência de qualificação profissional para os que trabalham, pois de acordo com os dados apresentados nos questionários, os alunos exercem funções como: auxiliar de serviços gerais, ajudante, pedreiro, doméstica, lavador de carro. Além disso, a maioria dos alunos deste segmento não trabalham conforme podemos observar abaixo:

Gráfico 2

Ao ser questionado sobre a raça/cor (gráfico 3), a maioria dos educandos se consideram pardos, seguido de negros, brancos e amarelos. Este fato também reforça que as desigualdades em que se situam os jovens da EJA estão relacionadas às questões étnico-raciais. A informação obtida através da coleta de dados na escola de certa forma contrapõe os dados que obtive do IBGE de 2010, referente o perfil étnico-racial de Timóteo. Haja vista, que apresenta uma população negra de apenas 7,16%, uma população parda de 48,42% e uma população branca de 43,57% no município pesquisado.

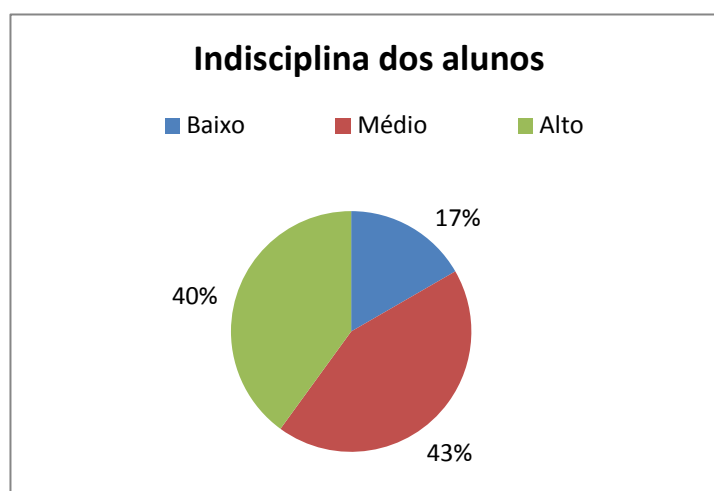
Gráfico 3

Esses dados me ajudam a pensar ainda que a juventude presente na EJA na escola trata-se em sua maioria negros. Nesse sentido, refletir sobre a juventude na EJA é levar em consideração o seu pertencimento étnico-racial. E mais, nos leva a ponderar sobre a seguinte questão: será que a identidade dos sujeitos jovens negros e brancos apresenta-se como elemento de análise da prática docente? Existe alguma relação entre a indisciplina e as questões raciais? Afinal, existe diferença entre ser jovem negro ou branco na sociedade

brasileira? Não é a minha pretensão encontrar respostas para questões tão complexas neste artigo, porém os dados coletados contribuíram para ampliar o meu olhar em direção a juventude presente na escola que atuo.

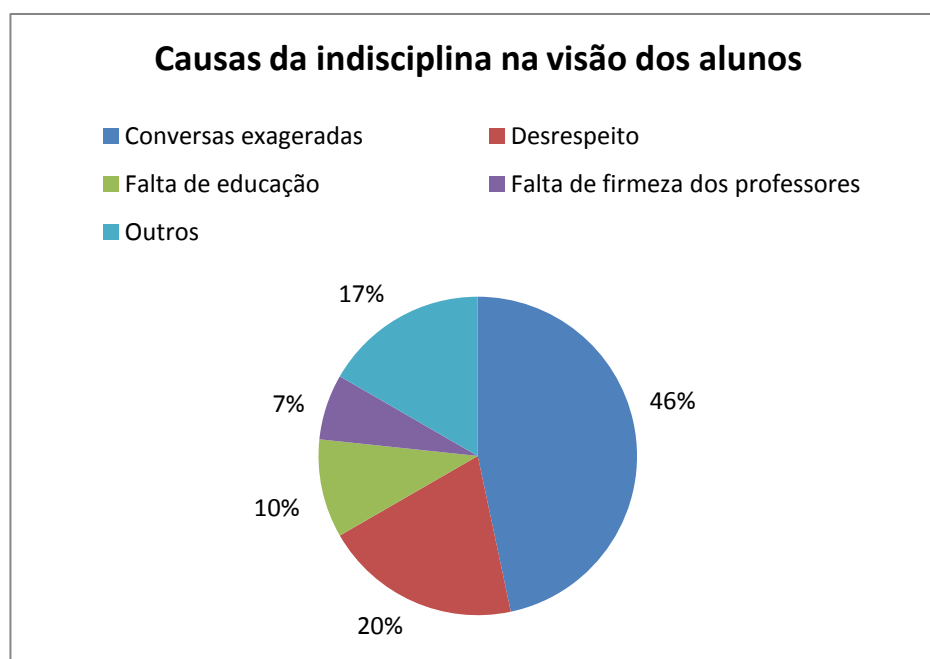
No que se refere à indisciplina sob a ótica dos próprios sujeitos jovens a avaliação da indisciplina na sala de aula se dá através de três níveis: baixo, médio e alto. A maioria deles(as) consideram que a indisciplina varia entre média a alta, não havendo grandes discrepâncias entre os valores.

Gráfico 4



Quando questionados sobre as possíveis causas que segundo eles(as) próprios atribuem o que gera a indisciplina na sala de aula as causas vão desde conversa, falta de educação, desrespeito, falta de firmeza dos professores, dentre outros.

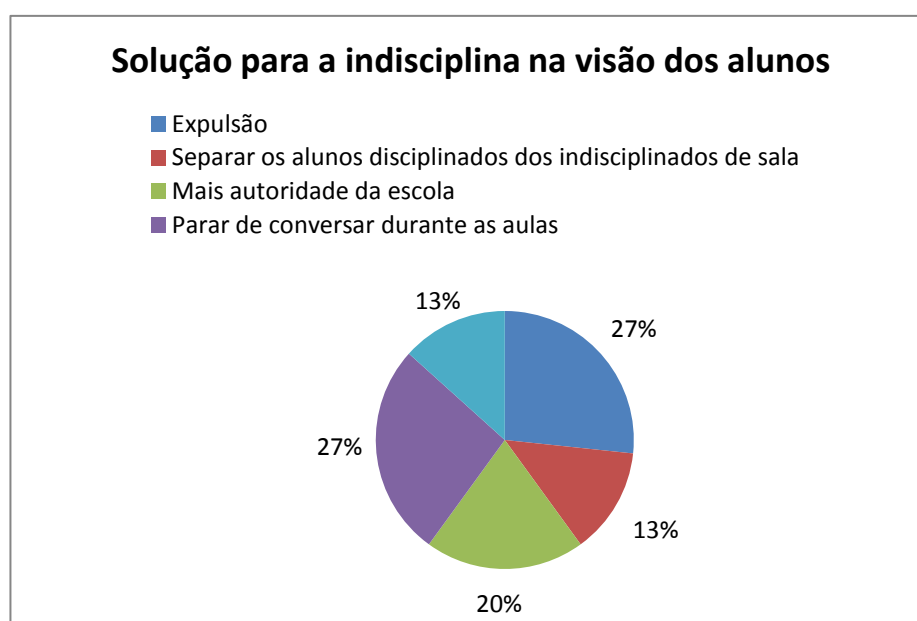
Gráfico 5



Devido ao significativo percentual que representa a falta de firmeza dos professores em sala de aula, sob a visão dos alunos, é importante ressaltar que foram entregues questionários para os educandos da escola, a fim de entender a indisciplina dos alunos por parte deles próprios, mas somente três educandos entregaram o questionário, o que impossibilitou uma análise. Devido a isso, foram realizadas as conversas informais com os professores, para buscar compreender a visão destes sobre a indisciplina dos alunos. Este fato nos traz uma reflexão: É difícil para o docente refletir sobre a indisciplina dos alunos a partir da sua prática pedagógica e atitudes em sala de aula? Os educandos estão preparados para atender ao novo perfil do alunado presente na EJA? Estes são questionamentos que perpassam o nosso cotidiano, mas não vamos nos ater a respondê-los neste artigo.

O gráfico 6 refere-se a visão dos educandos para solucionar o problema de indisciplina na sala de aula. De acordo com os educandos, é necessário separar alunos indisciplinados dos demais ou transferi-los (expulsar da escola), mais autoridade da escola e parar de conversar durante as aulas.

Gráfico 6



Constata-se a partir da análise dos gráficos 5 e 6 que mesmo os alunos considerando que a falta de firmeza dos professores na sala de aula causa a indisciplina, quando questionados sobre a solução para indisciplina eles não consideram que os

professores deveriam mudar a sua prática ou até mesmo sair da escola. Diante disso, percebe-se que os alunos remetem a maior parte da responsabilidade da indisciplina a eles próprios, sendo que, para eles o aluno que não se adapta às normas da escola ou do (a) professor (a) deve ser expulso. Isso evidencia mais uma vez que a escola ainda exibe uma tendência excludente.

A análise das conversas informais que tive com os (as) professores (as), da escola em estudo, mostrou que eles tendem a considerar que a indisciplina refere-se unicamente aos comportamentos dos alunos. Há também professores (as) que citam inúmeros problemas do cotidiano que eles acreditam estar relacionados à indisciplina por parte dos alunos, tais como falta de material didático específico para EJA, precariedade das condições de trabalho e falta de recursos didáticos para aulas “diversificadas”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O rejuvenescimento da EJA é fato, e a escola deve compreender esse jovem, seus anseios e suas experiências, percebendo-os como sujeitos, a partir da ampliação da visão docente. Dessa forma, o rejuvenescimento da EJA deve ser mais bem entendido pelos profissionais da educação que atuam nessa modalidade, sobretudo no que se refere às questões de direito à educação e o respeito à diversidade.

Com o rejuvenescimento da EJA, a indisciplina em sala de aula tem sido uma grande preocupação do professor. De forma geral, os professores e os próprios alunos vêem o alunado como protagonista da indisciplina. Porém, é importante ressaltar que podem existir outros fatores envolvidos, entre eles estão as metodologias inadequadas, autoritarismo por parte da escola, relacionamento conturbado entre professor/aluno, professores inseguros, agressivos ou rigorosos demais.

É preciso saber lidar com os jovens que estão cada vez mais presentes na EJA, e é necessário que façamos mudanças na organização escolar, no manejo de classe, nas metodologias, para que estes jovens possam ser motivados a aprender e incluídos de fato na educação.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, E. **Os jovens da EJA e a EJA dos jovens**. In: OLIVEIRA, I.; PAIVA, J. (orgs.). *Educação de jovens e adultos*. RJ: DP&A, 2004. 158p. p. 43-54.

ARROYO, Miguel. **Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública**. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro; GOMES, Nilma Lino (orgs.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 296 p. p.19-50.

BERTON, D. R. **Cultura escolar e Indisciplina: um olhar sobre as relações na instituição educacional**. 2005. 225p. p. 184. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus Rio Claro/SP. Disponível em:

BOUVIER, Suzanne M. **Transformação dos modos de socialização das crianças: Uma abordagem sociológica**. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 391-403, Maio/Ago. 2005.

CARRANO, Paulo. **Educação de Jovens e Adultos e Juventude: compreender os sentidos da presença dos jovens na escola**. III Fórum Goiano de EJA, Goiânia – 30/05 a 02/06/2007. p. 56

_____. **Educação de Jovens e Adultos e Juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da "segunda chance". Alfabetização e Cidadania**. Revista de educação de jovens e adultos. n. 10, nov/2009. p. 6.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. **Juventude, produção cultural e educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100.pdf>>. Acesso em: 02/06/2011.

SILVA, Natalino Neves da. **Juventude, EJA e Relações Raciais: um estudo sobre os significados e sentidos atribuídos pelos jovens negros aos processos de escolarização**

da EJA. 2009. 127 f. p. 62. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais.

VIANNA, C.; VALENTIM, C.; LOBATO, F.; SILVA, G.; SOUZA, G; SALES, S. **O fazer pedagógico no centro do processo de formação continuada de professoras: autonomia e emancipação.** *In:* OLIVEIRA, I.; PAIVA, J. **Educação de jovens e adultos.** RJ: DP&A, 2004, p.120.